



RESENHA

Couto, Elza K. N.N et. al. *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014.

Rosineide Magalhães de Sousa¹ (UnB)

A obra em tela, organizada por Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto, professora da Universidade Federal de Goiás, com as pesquisadoras Ema Marta Dunk-Cintra e Lorena Araújo de Oliveira Borges, agrega o resultado de trabalhos realizados por pesquisadores de algumas instituições do Brasil, que se puseram a investigar e analisar temas sobre a *Antropologia do Imaginário e Ecolinguística e Metáfora*, que se fundamentam, principalmente, nos estudos, respectivamente, de Gilbert Durand e Hildo Honório do Couto, este último, eminente figura da Ecolinguística no país. Esses trabalhos nos convidam a vislumbrar o contexto da Ecolinguística, uma ciência de perspectiva holística que estuda a dimensão social, mental e natural da linguagem.

De natureza multidisciplinar, o livro traz em suas 260 páginas, 22 ensaios, com a autoria de muitos pesquisadores, distribuídos em 4 partes: “Análise do discurso, análise do discurso crítica e análise do discurso ecológica”; “Imaginário”; “Ecolinguística” e “Imaginário, e Ecolinguística”. Os artigos de tamanho condensado dão o tom coerente da abordagem, fazendo com que o leitor possa compreender com clareza cada pesquisa exposta, em contexto específico, evidenciando a perspicácia e inovação da investigação. Isso que motiva o leitor a enveredar por cada enquadre, de forma instigadora.

-
1. Doutora em Linguística. Professora da Universidade de Brasília, da Graduação e da Pós-Graduação. Pesquisadora do Observatório da Educação do Campo e do CNPq.

A primeira parte começa pela abordagem do discurso. Já no primeiro capítulo trazendo a concepção da Análise do Discurso Crítica, na resignificação leitora de Alexandre Costa (UFG). No artigo sobre Linguística ecossistêmica crítica ou análise do discurso ecológica, de Hildo H. do Couto (UnB), o pesquisador esclarece ser a linguística ecossistêmica crítica (LEC) integrante da linguística ecossistêmica que estuda os textos

e discursos. Daí ser chamada de análise do discurso ecológica (ADE). Nesse mesmo artigo, ainda, podemos enveredar por conhecimentos relacionados à Ecolinguística e temáticas, além do posicionamento crítico do autor em relação ao seu ponto de vista sobre diferentes concepções de Análise do Discurso: um convite à reflexão de tomada de posição diante das AD(s). Ainda nessa parte, Elza K.N. N. do Couto e Samuel de S. Silva discutem Análise do discurso ecológica: ecolinguagem e ecoética. Em outro artigo Eliene M. da F. Fernandes aborda a “A análise do discurso e perspectivas de um ecodiscurso”. E o que vem a ser um ecodiscurso? É o que o artigo responde. Portanto, essa parte do livro busca fazer um percurso das concepções de Análise do Discurso e como uma dessas concepções se insere no cenário da Ecolinguística.

Em interfaces com os discursos da obra em que a concepção de linguagem contempla mesmo a interação, vislumbramos os resultados de pesquisas relacionadas à temática do imaginário. Assim, a segunda parte da obra registra os artigos: “Revisitando a metáfora sob a luz dos regimes do imaginário”, de Maria Thereza Strôngoli; “Imaginário do envolvimento”, de Danielle Pitta; “Cultura, imagens e simbolismo: entre a norma e a vida”, de Iduína Chaves; “Cazuza: uma poética das sombras”, de João Barros; “O imaginário e a metáfora do movimento”, de Zilda Dourado; “Mito-estória de vida e chi kung: (Re)envolvimento humano, ecolinguagem e imaginário”, de Adilson Marques; “Da metáfora, do sonho e do mito: aproximação do inconsciente”, de Ezequiel Ferreira, e “A escola é prisão? Metáforas sobre espaço de ensino disciplinar”, de Lorena Borges e Henrique Fernandes.

A terceira parte do livro fortalece nossa compreensão sobre o que é Ecolinguística na visão da relação teoria e prática, com a leitura das pesquisas de Kênia Siqueira, “Toponímia: a nomeação dos lugares sob a ordem do imaginário”; de Gilberto Araújo, “As inter-relações entre língua e meio ambiente com base no conhecimento etnobotânico kalunga”; de Ema Dunk-Cintra, “Bilinguismo de memória como gênese para a ressignificação e fortalecimento do ecossistema básico do povo indígena chiquitano”; de Jéssica Neves e Sandra Bernardo, “Língua e interação: uma metáfora conceptual”; de Alessandro Tatagiba, de Ricardo Coutinho, “Mito verde: um diálogo entre Barthes e a ecolinguística crítica”; de Francisco Matos, Elza K.N. N. de Couto, Adilson Marques, Hildo H. do Couto, “Ecolinguagem”.

A integração Imaginário (mente), e Ecolinguística (linguagem, população e território) marca os trabalhos da quarta parte da obra em ressignificação leitora, intitulados: “A relação epistemológicas entre a antropologia do imaginário e a ecolinguística”, de Samuel Silva; “ Por uma ecolinguística do imaginário: Arco do Amanhecer como metáfora de linguagem, inter-relação e meio ambiente”; de Genis Schmaltz Neto; “Representações simbólicas e pertencimento: um estudo ecolinguístico dos pescadores do Angari, ribeirinhos de São Francisco”, de Vera Lúcia Alves.

Todos os temas expostos, por meio de ensaios no livro têm seu valor para a consolidação de uma ciência muito recente que é a Ecolinguística, agregadora de abordagens dinâmicas que abrangem contextos diversos, mas de forma muito coerente

em relação ao seu propósito teórico. Assim, ao longo da obra nos deparamos com a Ecolinguística e outras frentes teóricas, como a Semântica Cognitiva, explorando as várias possibilidades de sentido da metáfora conforme o contexto onde ela aparece: nos regimes do imaginário, do envolvimento, do movimento, nas imagens e simbolismos, na poética, no mito, no espaço do ensino disciplinar. Essas abordagens nos levam a uma reflexão para além da materialidade que pode apontar uma ciência, visto que o imaginário, que é híbrido, constitui a conjugação entre o psíquico, o fisiológico e o meio circundante natural e social da pessoa.

Essa forma de integração de uma ciência pode suscitar críticas por parte de visões conservadoras de outras ciências. Por outro lado, conforme Mafessoli (2008), há a tendência de uma “ecologização do mundo” e a Linguística não poderia ficar fora dessa tendência. Contudo, a Ecolinguística, que congrega conhecimentos teóricos além da Linguística, defende a tríade língua, povo e território, contexto propício para a inter-relação com o biológico, o social e o inconsciente, premissa fundamental da teoria das imagens. Daí a interface do livro: *Antropologia do Imaginário, Ecolinguística e Metáfora*.

Voltando à última parte do livro, “Imaginário e Ecolinguística”, principalmente, o capítulo “A relação epistemológica entre a Antropologia do Imaginário e a Ecolinguística”, de Samuel Silva, chama nossa atenção o ponto de confluência entre essas duas vertentes no que diz respeito à construção da sua base teórica. Ambas têm como alicerce estrutural “a condição de existência por excelência da espécie humana, a sua relação corporal com o seu meio” (p.227). Nessa parte, o autor explica de forma muito clara e consistente termos cruciais como Linguística Ecolinguística, a constituição do meio ambiente mental e outras temáticas afins.

Na verdade, em cada capítulo do livro, encontramos riquíssimas pesquisas relacionadas à temática proposta pela obra, cada uma com sua especificidade contextual, com muita informação teórica e prática, o que faz com que conheçamos com muita precisão os conceitos e metodologias de cada pesquisa.

Podemos analisar, portanto, na obra, grosso modo, que a Ecolinguística apresenta uma teoria que contempla o conhecimento de diferentes áreas: ciências natureza, ciências humanas e sociais, ciências cognitivas, ciências linguísticas, contudo, faz isso de forma muito coerente, tendo em vista que o meio ambiente é ecologicamente integrado e apresenta-nos diferentes discursos nas narrativas do imaginário humano, em cenários complexos.

Referência

MAFFESOLI, M. Envolvimentarismo. *Anais do XV Ciclo de estudos sobre imaginário*, 2008, <http://www.yle-seti-imaginario.org/home/artigo/Anais-dos-Ciclos-estudos-/36>.